

Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos

Jacqueline Ortelan Maia **BOTASSINI** *

Resumo: A forma como se avaliam algumas variedades linguísticas – positiva ou negativamente – denotam atitudes de estigma e de identidade social. Este trabalho, baseado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, tem por objetivo avaliar as crenças e as atitudes dos falantes em relação à utilização de róticos. Para tanto, entrevistaram-se dez informantes (seis maringenses, dois cariocas e dois gaúchos) e realizaram-se o registro, a descrição e a análise das variantes do /r/ em coda silábica utilizadas. Além disso, analisaram-se as respostas dadas por esses informantes a perguntas específicas sobre crenças linguísticas.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas; Variedades linguísticas; Róticos.

Abstract. The way some linguistic varieties are analyzed – positive or negatively – denotes attitudes of stigma and social identity. This work, based on the methodology of Variational Sociolinguistics, aims at evaluating speakers' beliefs and attitudes towards the use of rhotics. For that purpose, ten informants (six from Maringá, two from Rio de Janeiro and two from Porto Alegre) were interviewed, and the register, the description and the analysis of the /r/ variants were carried out in each syllabic used. Also, the answers given by those informants to specific questions about linguistic beliefs were analyzed.

Keywords: Beliefs and linguistic attitudes; Linguistic variety; Rhotics.

* Docente da Universidade Estadual de Maringá e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL. Contato: jombotassini@uem.br.

Introdução

A forma como as pessoas se colocam frente a determinadas variedades linguísticas, as atitudes de rejeição ou de aceitação em relação a elas, a avaliação positiva ou negativa, as demonstrações de preconceito ou de admiração, a avaliação do que é correto ou incorreto, adequado ou inadequado etc. revelam nossas crenças linguísticas.

O presente trabalho, baseado na metodologia da Sociolinguística Variacionista, tem como objetivo verificar crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos róticos, classe de sons do fonema /r/, registrando e descrevendo as variantes desse fonema que concorrem em posição de coda silábica, ou seja, no final da sílaba. Além disso, pretende-se analisar e interpretar os dados quantitativa e qualitativamente.

Labov (1974, p. 63) afirma que, em uma comunidade de fala, apesar de as pessoas compartilharem um conjunto de normas comuns com respeito à linguagem, não falam do mesmo modo. Ao contrário, nas comunidades de fala, frequentemente encontram-se formas linguísticas em variação.

As formas em variação recebem o nome de variantes linguísticas. Tarallo (1986, p. 8) expõe que “variantes linguísticas são [...] diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

Existem variáveis linguísticas dependentes e independentes. A variável dependente é o fenômeno que se objetiva estudar; neste trabalho é o **/r/ em coda silábica** e as variantes são as formas que estão em “competição” na representação fonética do /r/: **retroflexo [ɻ], tepe [ɽ], velar [x], vibrante alveolar múltiplo [r̥] e apagamento (∅)**.

O uso de uma ou de outra variante pode estar condicionado por fatores internos ou externos, os quais constituem as variáveis independentes. Neste trabalho, investigaremos apenas aspectos extralinguísticos: o grau de formalidade das diferentes partes que compõem a entrevista (narrativa, descritiva, questionário e leitura) e a procedência dos informantes (maringenses, cariocas e gaúchos).

Interessa-nos este estudo para: i) verificar em que medida existe preconceito ou estigma quanto ao uso da variante retroflexa, característica do dialeto maringaense e normalmente associada a um falar “caipira”; ii) examinar se os próprios maringaenses carregam preconceito quanto a esse uso e qual é a reação dos cariocas e gaúchos em relação a essa variante; iii) verificar em que medida os informantes cariocas e gaúchos mantêm seu dialeto ou o quanto já se “misturou” com o dialeto maringaense, já que estão residindo em Maringá há mais de dez anos; iv) observar se os informantes mudam as variantes da variável /r/ dependendo do tipo de entrevista e do grau de formalidade; v) verificar se os maringaenses manifestam preferência por outro dialeto que não o seu, revelando uma situação de deslealdade linguística.

1 Amostra e metodologia

O *corpus* deste trabalho é composto de dados coletados da fala de dez informantes residentes na cidade de Maringá, a segunda cidade mais importante da região Norte do Paraná, com características muito próximas de falas mineira e paulista, trazidas pela população que povoou a região durante a expansão da agricultura cafeeira. Desses dez informantes, seis são naturais de Maringá, dois são cariocas e dois são gaúchos, todos residentes na cidade há mais de dez anos.

A escolha pelos informantes cariocas e gaúchos se deve ao fato de esses possuírem um dialeto bastante diferente do dialeto dos maringaenses, o que possibilita verificarmos as variações fonéticas quanto ao uso dos róticos em coda silábica.

A seleção dos informantes condicionou-se ao preenchimento dos seguintes requisitos:

- para os maringaenses, terem nascidos em Maringá e serem filhos de pais também maringaenses ou que tenham vindo para Maringá no início de sua colonização; para os cariocas e os gaúchos, terem nascido, respectivamente, em alguma cidade dos Estados do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul;

- não terem morado fora da cidade de seu nascimento no período de aquisição da língua nativa (de 2 a 12 anos);
- terem escolaridade entre a sexta série do ensino fundamental e o terceiro ano do ensino médio;
- terem idade entre 20 e 55 anos;
- terem residido apenas em zona urbana;
- para os cariocas e os gaúchos, morarem em Maringá há, pelo menos, 10 anos.

Em relação ao sexo dos informantes, embora tenhamos procurado entrevistar a mesma quantidade de homens e de mulheres, a dificuldade de se encontrarem informantes gaúchos do sexo feminino levou-nos à seguinte distribuição: maringaenses – 3 informantes do sexo masculino e 3 do sexo feminino; cariocas – 1 informante do sexo masculino e 1 feminino; gaúchos – 2 informantes do sexo masculino.

Os dados da fala foram obtidos por meio de conversação gravada que, posteriormente, foi transcrita. Cada entrevista durou, aproximadamente, 35 minutos. Participavam da conversação apenas o entrevistador e o entrevistado. O tipo de conversação utilizada foi a dirigida, em que se seguem uma ordem e um conteúdo planejado, com o objetivo de obter a maior quantidade de dados úteis no menor tempo possível (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 30).

A entrevista compôs-se de cinco partes: 1) narrativa; 2) descrição; 3) questionário fonético-fonológico; 4) leitura; 5) perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas.

As quatro primeiras partes foram estruturadas de forma a conseguir um contexto favorável à utilização de róticos em posição final de sílaba, ou seja, em coda silábica. A última parte destinou-se a verificar a forma como os informantes avaliam algumas variedades linguísticas (positiva ou negativamente).

A divisão da entrevista em parte narrativa, parte descritiva, questionário e leitura pretendia a obter diferentes graus de formalidade na entrevista, indo desde a situação mais informal, menos estruturada, até chegar à situação mais formal e mais controlada.

Na narrativa, solicitava-se ao informante que contasse um fato de sua vida que o tivesse marcado ou por ter sido muito triste, ou muito alegre, ou engraçado, ou que tivesse suscitado medo.

Nos minutos iniciais da entrevista, o informante fica um pouco tenso, “policiando” sua maneira de falar; mas, à medida que se envolve com a narração, produz uma fala mais natural, mais espontânea.

Na parte descritiva da entrevista, solicitava-se ao informante que descrevesse uma receita, ou as regras de um jogo ou, ainda, o trajeto que faria para chegar do lugar onde estava até outro lugar (casa, trabalho, *shopping*, escola etc.).

A terceira parte da entrevista consistiu em aplicar um questionário fonético-fonológico com 11 perguntas às quais o informante, por orientação do entrevistador, deveria responder, preferencialmente, com uma palavra. Excetuando-se a pergunta de número 7, as demais foram retiradas do questionário fonético-fonológico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), escolhendo-se, entre elas, aquelas que propiciavam respostas com rótico em coda silábica, por exemplo: *Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus? (perdão). Para limpar o chão, o que é preciso fazer? (varrer).*

Na quarta parte da entrevista, solicitava-se ao informante a leitura de dois textos curtos – um em verso (*Cenário*, de Cecília Meireles) e outro em prosa (*Foco na firmeza*, retirado da revista *Saúde*) – que apresentavam, juntos, 25 casos da variável /r/ em coda silábica.

A quinta e última parte da entrevista correspondia a cinco perguntas para avaliar crenças e atitudes linguísticas dos informantes, a saber: 1. Como você acha que falam os maringaenses? 2. Falam melhor os maringaenses ou os que vieram de outros lugares? 3. Entre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala pior? 4. Falam igual homens e mulheres? Quem fala melhor? 5. Jovens e idosos falam igual? Quem fala melhor?

Finalizadas as entrevistas, procedeu-se à primeira audição para realizarmos a transcrição da fala dos informantes, a qual foi feita de forma simples, sem recorrermos a transcrições fonéticas.

Em seguida, selecionamos os dados que nos interessavam: róticos em trava silábica.

Realizada a seleção dos dados, procedeu-se a uma segunda audição das entrevistas, para registrar o tipo de rótico utilizado pelos informantes, ou seja, as cinco variantes da variável /r/ que estavam sendo investigadas.

Os dados selecionados de cada informante foram separados em tabelas, registrando-se o tipo de entrevista e a quantidade de cada rótico utilizado. Montadas as tabelas, fez-se a análise quantitativa e qualitativa dos dados.

2 Análise dos dados

Os dados levantados das entrevistas realizadas com os dez informantes residentes em Maringá apresentaram 772 ocorrências de /r/ em coda silábica, representadas pelas seguintes variantes: retroflexo [ɻ], tepe [r], velar [x], vibrante alveolar múltiplo [r̄] e apagamento (∅), como se pode verificar na tabela a seguir:

RÓTICO	INFORMANTES										TOTAL	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Qde	%
Retroflexo [ɻ]	49	43	27	47	41	49	-	-	41	1	298	38,6
Tepe [r]	8	14	16	1	1	-	8	16	12	16	92	11,9
Velar [x]	-	-	-	-	-	-	46	60	6	3	115	14,9
Vibrante alveolar múltiplo [r̄]	6	1	-	-	-	-	-	-	29	61	97	12,6
Apagamento (∅)	18	26	20	9	6	11	11	43	21	5	170	22,0
Quantidade produzida	81	84	63	57	48	60	65	119	109	86	772	100,0

Quadro 1 – Quantidade e distribuição de róticos em coda silábica utilizados pelos informantes

Conforme já se esperava, o maior número de ocorrências representa casos da variante retroflexa (38,6%), já que a maior parte dos informantes são maringaenses e essa variante é típica do dialeto de Maringá. Há, entretanto, algumas variações realizadas por alguns informantes na produção do /r/ bastante interessantes

e curiosas, as quais parecem estar condicionadas ao tipo de entrevista e que merecem destaque.

TIPO DE ENTREVISTA	INFORMANTE 1					INFORMANTE 2					INFORMANTE 3				
	Rótico					Rótico					Rótico				
	[ɹ]	[r]	[ʁ]	[ʁ̃]	(ø)	[ɹ]	[r]	[ʁ]	[ʁ̃]	(ø)	[ɹ]	[r]	[ʁ]	[ʁ̃]	(ø)
Narrativa	19	-	-	-	18	15	5	-	-	12	6	3	-	-	3
Descritiva	8	-	-	-	-	3	2	-	-	11	1	-	-	-	14
Questionário	10	1	-	-	-	3	5	-	-	3	2	6	-	-	3
Leitura	12	7	-	6	-	22	2	-	1	-	18	7	-	-	-
Total	49	8	-	6	18	43	14	-	1	26	27	16	-	-	20
Porcentagem	60,5	9,9	-	7,4	22,2	51,2	16,7	-	1,1	31,0	42,9	25,4	-	-	31,7

Quadro 2 – Distribuição de róticos por tipo de entrevista – informantes maringenses

O informante 1 – maringense, masculino, 53 anos – realizou variações no uso do rótico dependendo do tipo da entrevista. Ao narrar um fato de sua vida, por exemplo, quando se apresenta uma situação mais informal e menos estruturada, esse informante produz casos da variante retroflexa e casos de apagamento. Nas demais partes da entrevista, ele não mais suprimiu o rótico, mesmo nos contextos favoráveis a essa situação, como em final de formas verbais no infinitivo, revelando uma preocupação em marcar todos os fonemas. Mas é na leitura que aparecem os dados mais interessantes: dos 25 casos de róticos em coda silábica existentes nos textos, 12 ele produz com a variante retroflexa, 7 como tepe e, surpreendentemente, 6 casos de vibrante alveolar múltiplo. Esses dados parecem demonstrar um certo preconceito com relação à forma retroflexa, visto que, se somarmos as realizações de tepe e de vibrante múltiplo, teremos 13 casos, isto é, mais casos que da variante retroflexa, o que aponta uma espécie de “evitamento” dessa forma.

Ao produzir a vibrante múltipla, o informante parece preocupado em pronunciar o /r/ de forma mais acentuada, mais marcada. Acharia ele essa forma mais correta ou mais elegante? Fez isso conscientemente? Aparentemente, o informante 1

apresenta uma progressão, da narrativa para a leitura, de menos para mais consciência quanto à forma com que pronunciava as palavras.

Ao perguntarmos a esse informante como ele achava que falavam os maringaenses, ele respondeu que “normal, sem sotaque” e, em relação à pergunta sobre quem fala melhor, se os maringaenses ou as pessoas que vieram de outros lugares, o informante 1 respondeu que não há quem fala melhor ou pior, mas que as pessoas que vieram de outras regiões falam com um sotaque diferenciado, que denuncia que não são maringaenses. Por essas respostas, poder-se-ia pensar que esse informante não tem preconceito linguístico algum. Entretanto, ao perguntarmos sobre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala pior, o informante discorreu uma lista em ordem decrescente de “desagrado”, disse ele: “primeiramente o carioca, com o S e o R arrastado demais, e segundo o gaúcho e terceiro o baiano”. Assim, embora se possa pensar inicialmente que para esse informante todos os dialetos são igualmente bons, percebe-se, pela resposta dada à pergunta 3, que há dialetos de que ele não gosta.

Também observamos nos informantes 2 – maringaense, feminino, 38 anos – e 3 – maringaense, masculino, 44 anos – algumas produções de róticos que denotam certa preocupação em amenizar a pronúncia da variante retroflexa, mesmo na narrativa; são 16,7% de casos no informante 2 e 25,4% no informante 3. O apagamento dos róticos também é frequente, 31% e 31,7%, respectivamente.

O informante 2, sobre a pergunta “Como você acha que falam os maringaenses?”, respondeu que não gosta da forma de falar dos maringaenses que, comparada a outras regiões, é, nas palavras do informante, “meio brega”, “não é bonito de ouvir”. Afirmou, ainda, que gosta de ouvir os cariocas e as pessoas do Norte de Minas Gerais falarem, “pela forma de puxar o R e o S”. Talvez, então, o uso da variante tepe e até de uma produção de vibrante múltipla sejam consequência dessas preferências, uma espécie de deslealdade linguística para com a fala nativa.

Nos informantes mais jovens (4, 5 e 6, com idades, respectivamente, 22, 20 e 28 anos), o uso da variante retroflexa é, de longe, a forma preferida, ultrapassando os 80%. Além dessa variante, existe o apagamento do rótico (15,7% no informante 4; 12,5% no informante 5 e 18,3% no informante 6), embora em menor número que dos informantes com mais idade (informantes 1, 2 e 3). Nos informantes 4 e 5, encontramos, ainda, uma única ocorrência de tepe, que não aparece no informante 6.

TIPO DE ENTREVISTA	INFORMANTE 4					INFORMANTE 5					INFORMANTE 6				
	Rótico					Rótico					Rótico				
	[ɹ]	[ɹ]	[ʁ]	[ɹ]	(∅)	[ɹ]	[ɹ]	[ʁ]	[ɹ]	(∅)	[ɹ]	[ɹ]	[ʁ]	[ɹ]	(∅)
Narrativa	9	-	-	-	3	5	-	-	-	2	5	-	-	-	9
Descritiva	3	-	-	-	6	4	-	-	-	1	9	-	-	-	1
Questionário	11	-	-	-	-	7	1	-	-	3	10	-	-	-	1
Leitura	24	1	-	-	-	25	-	-	-	-	25	-	-	-	-
Total	47	1	-	-	9	41	1	-	-	6	49	-	-	-	11
Porcentagem	82,5	1,8	-	-	15,7	85,4	2,1	-	-	12,5	81,7	-	-	-	18,3

Quadro 3 – Distribuição de róticos por tipo de entrevista – informantes maringaenses

Assim, podemos perceber que os mais jovens apresentam um falar mais característico do dialeto maringaense e, embora dois desses três informantes tenham afirmado na resposta às perguntas para avaliar crenças e atitudes linguísticas que os maringaenses não falam muito bem, que puxam muito o /r/, que não gostam da forma como os maringaenses falam, produziram a fala mais característica desse dialeto. A informante 6, que só produziu variantes retroflexas e apagamento, afirmou, inclusive, que o /r/ do maringaense “é muito caipira”.

TIPO DE ENTREVISTA	INFORMANTE 7					INFORMANTE 8				
	Rótico					Rótico				
	[j]	[r]	[x]	[r̃]	(ø)	[j]	[r]	[x]	[r̃]	(ø)
Narrativa	-	-	11	-	10	-	3	4	-	12
Descritiva	-	2	5	-	1	-	7	27	-	30
Questionário	-	2	9	-	-	-	-	10	-	1
Leitura	-	4	21	-	-	-	6	19	-	-
Total	-	8	46	-	11	-	16	60	-	43
Porcentagem	-	12,3	70,8	-	16,9	-	13,4	50,4	-	36,2

Quadro 4 – Distribuição de róticos por tipo de entrevista – informantes cariocas

Na fala dos informantes cariocas (7 – feminino, 55 anos e 8 – masculino, 53 anos), encontramos a preferência maciça pela variante velar: 70,8% e 50,4%, respectivamente; seguida do apagamento do rótico: 16,9% no informante 7 e 36,2% no informante 8 e, por último, a variante tepe: 12,3% no informante 7 e 13,4% no informante 8. Nenhum dos informantes utiliza a variante retroflexa ou a vibrante múltipla.

Como vimos, apesar de estarem morando em Maringá há mais de dez anos, os informantes cariocas não utilizam, em momento algum, a variante retroflexa. No momento da entrevista, pudemos perceber, além do uso do rótico velar, outras marcas muito acentuadas do dialeto carioca, de maneira que não é difícil perceber a região de onde vieram. Aliás, o informante 8 comentou (com um certo orgulho) que as pessoas sempre perguntam se ele é carioca, revelou, ainda, que não sabe por qual razão, depois de tantos anos morando no Paraná, ainda fala (nos dizeres dele) o “carioquês”.

Essa atitude positiva em relação à língua nativa, o orgulho de pertencer àquele grupo, representa o sentimento de identidade linguística, que leva o falante a manter lealdade à sua língua nativa. No caso dos cariocas, o prestígio que pode representar ser reconhecido como pertencendo àquele grupo se deve, sobretudo, ao *status* e ao prestígio que a cidade do Rio de Janeiro possui.

Ao responder a pergunta sobre como falam os maringaenses, o informante 7 afirmou que “o sotaque daqui é muito diferente”, que, inicialmente, estranhou bastante e que o elemento mais diferente do falar maringaense está na maneira como se pronuncia o /r/. Em relação à pergunta sobre quem fala melhor, respondeu que as pessoas que vieram de outros lugares falam melhor; destacou, inclusive, que os maringaenses falam muito errado.

O informante 8 asseverou que cada região tem seu modo de falar e que os maringaenses falam “perto do correto”. Disse que sentiu claramente a “diferença de sotaque” quando veio para cá, mas que, com o convívio, passou a não mais perceber as diferenças. Relatou que o que mais achou diferente no falar maringaense foi o /r/, em palavras como “morte”.

Quanto a quem fala melhor, se os maringaenses ou as pessoas de outros lugares, o informante 8 apontou que os maringaenses parecem ter mais cultura, parecem estar mais informados e que a educação em Maringá é mais valorizada, que Maringá representa a Barra da Tijuca do Rio de Janeiro. Destacou que, em relação ao modo de falar, gosta mais do sotaque dos cariocas e também dos curitibanos. Afirmou que o maringaense não tem um “sotaque acentuado”, que lhe possibilitasse ser reconhecido como tal estando em outra região.

Dentre os dez informantes entrevistados, apenas os gaúchos utilizaram as cinco variantes da variável /r/ em coda silábica, conforme se verifica na tabela a seguir:

TIPO DE ENTREVISTA	INFORMANTE 9					INFORMANTE 10				
	Rótico					Rótico				
	[ɹ]	[r]	[x]	[ʁ]	(ø)	[ɹ]	[r]	[x]	[ʁ]	(ø)
Narrativa	4	3	6	4	4	1	5	-	11	1
Descritiva	21	6	-	9	17	-	8	-	20	4
Questionário	5	2	-	4	-	-	-	2	9	-
Leitura	11	1	-	12	-	-	3	1	21	-
Total	41	12	6	29	21	1	16	3	61	5
Porcentagem	37,6	11,0	5,5	26,6	19,3	1,2	18,6	3,5	70,9	5,8

Quadro 5 – Distribuição de róticos por tipo de entrevista – informantes gaúchos

A variante mais utilizada pelo informante 9 – gaúcho, masculino, 51 anos – foi a retroflexa, 37,6% dos casos de róticos em coda silábica, superando a variante típica dos gaúchos que é a vibrante alveolar múltipla, a qual aparece em segundo lugar nas ocorrências da entrevista, 26,6% dos casos. Os dados demonstram que esse informante já incorporou parte do dialeto dos maringenses, já que usa com mais frequência o rótico típico da fala de Maringá, mesmo nas situações mais formais e estruturadas da entrevista, como o questionário fonético-fonológico e a leitura, em que, pela situação de maior formalidade, esperar-se-ia mais consciência quanto à maneira de pronunciar as palavras.

O informante 9 expõe, ao ser questionado sobre a forma como falam os maringenses, que não estranhou o sotaque. Salientou, ainda, que pelo fato de o falar maringense ser formado por uma mistura de povos que vieram de várias regiões com “o sotaque já meio assentado” – como paulistas, mineiros, italianos – não permite marcas que o identifiquem especificamente. Assim como o informante 8 (carioca), esse gaúcho destaca que, em Maringá, as pessoas o reconhecem como gaúcho, mas que o maringense não é identificado pelo seu modo de falar.

Quanto à pergunta sobre quem fala melhor, embora o informante 9 declare gostar mais do sotaque gaúcho, afirma que os maringenses falam melhor, comunicam-se melhor. É possível – pela “simpatia” à maneira como o maringense se expressa, avaliando positivamente esse falar e enxergando nisso uma forma de prestígio – que esse informante tenha incorporado em seu falar características próprias do dialeto de Maringá.

Já o informante 10 – gaúcho, masculino, 55 anos – produziu a variante vibrante alveolar múltipla em 70,9% dos casos. A segunda variante mais usada foi o tepe, 18,6% de realizações. O rótico retroflexo apareceu uma única vez, na situação de narrativa. Esse informante está em Maringá há mais de vinte anos; mas, ao entrevistá-lo, percebe-se o orgulho de pertença ao Rio Grande do Sul. Todos os assuntos que ele pôde abordar livremente envolveram as tradições e os costumes gaúchos, até mesmo no momento em que foi descrever a receita, ele escolheu falar da forma como se

prepara e se toma o chimarrão, contando, inclusive, a história dessa bebida.

Após as inúmeras exposições de admiração e de lealdade aos costumes gaúchos, fomos levados a pensar que esse informante fosse privilegiar a sua língua nativa quando questionado sobre quem fala melhor, se os maringaenses ou as pessoas que vieram de outros lugares. Para nossa surpresa, o informante 10 relatou que não gosta do sotaque do próprio gaúcho, quando o força fora de contexto, que isso o incomoda bastante; afirmou que os maringaenses falam melhor e que as pessoas de outras regiões que vêm para Maringá perdem o sotaque:

Quando você vem para cá, acaba perdendo o sotaque. Você perde não a identidade, mas você perde muito. O gaúcho perde o 'tchê', pelo convívio. Isso é muito forte, são poucos os lugares onde isso acontece. Em função disso, o maringaense forma uma força muito grande de prosa e uma comunicação que interage muito. Se os que vêm de fora perdem o sotaque, é porque o sotaque daqui é mais forte, senão os daqui adeririam às influências.

Quanto à pergunta sobre como falam os maringaenses, esse informante, assim como os informantes 8 e 9, expôs que, em Maringá, pelas várias influências dos povos que a colonizaram, não há um sotaque que identifique o maringaense quando ele está em outra região:

Se você sair daqui, uma pessoa de fora não identifica que você é maringaense. Não tem um sotaque definido, nem pra mineiro, nem para paulista, nem para gaúcho. É uma das poucas regiões do país em que não se identifica pelo sotaque, pra mim fala neutro. Notei algumas diferenças nos nomes das coisas [...], achei muito mais diferenças nas palavras do que no sotaque.

Caso interessante em relação aos dois gaúchos é a realização da variante velar, característica do falar carioca. O informante 9 produz 6 casos no momento da narrativa, e o informante 10 realiza 3 casos nas situações de mais formalidade na entrevista, isto é, no questionário e na leitura.

Com relação à pergunta número 3, “Entre as pessoas que vieram de outros lugares, quem fala pior?”, dos dez informantes, sete citaram o falar nordestino como o pior e, mais especificamente, o falar dos baianos, citado como exemplo de nordestinos por três informantes.

As avaliações que esses informantes fazem do falar nordestino são variadas. Vão desde expressões como “eles têm um jeito cômico de falar”, “acho muito feio de ouvir”, até comentários como “parece que eles vulgarizam um pouco a nossa língua”. Um dos informantes (número 3) chegou a dizer que os nordestinos “têm um jeito de falar parece que te agredindo. É a linguagem deles, falam de forma muito agressiva”. Também há comentários sobre a dificuldade em se compreender o que eles falam, pelas palavras diferentes que utilizam ou porque “falam arrastado demais, eles acentuam demais...” (informante 4), “falam muito puxado, arrastado, diferente” (informante 6).

Outros informantes citaram o falar carioca e o gaúcho como o pior. Em relação ao falar gaúcho, a avaliação negativa está relacionada, sobretudo, ao sotaque, “cantado”, “muito forçado” em algumas situações, “falam muito depressa”; mas também há observações quanto ao léxico: “falam umas palavras bem estranhas”.

Quanto ao falar carioca, as críticas (bastante acentuadas até pelo tom de voz com que o informante 9 se expressou a respeito) revelam que ele associa o modo de falar do carioca à avaliação que ele tem do povo carioca, avaliação de rejeição. Diz ele:

Eu acho o carioca marrento, eles são marrentos, são cheios de ginga, não gostam muito de trabalhar, ficam ali na praia. O carioca é meio folgado. Ele, por ser influente, por ter Copacabana e tal, ele influi até nas gírias, mas ele é marrento, eu não gosto, acho muito ‘alugador’, não gosto do sotaque.

O outro informante que afirmou não gostar do falar carioca foi mais sutil em seus comentários e limitou-se a dizer que não gosta do sotaque, com “o S e o R arrastado demais”.

As respostas à pergunta número 4, “Falam igual homens e mulheres? Quem fala melhor?”, demonstraram que os informantes, de modo geral, percebem uma diferença entre o falar feminino e o masculino. Embora pareça estranho pensar em dialetos femininos e dialetos masculinos, várias pesquisas têm demonstrado haver diferenças de linguagem entre homens e mulheres (cf. OLIVEIRA; LOPES, 1995). Essas diferenças aparecem em todos os níveis, sotaque, entoação, vocabulário, gramática, interação etc. e têm apontado que as mulheres, de um modo geral, em todas as classes, usam, em maior porcentagem que os homens, as formas linguísticas de prestígio (COULTHARD, 1991).

Ao responderem a essa pergunta, sete informantes disseram que as mulheres falam melhor e três responderam que não há distinção entre o falar feminino e o masculino. Esses três informantes afirmaram que as diferenças dependem do grau de instrução, do nível de escolaridade e do acesso à cultura. Um dos informantes ressaltou, também, que as diferenças dependem da personalidade do indivíduo: mais tímido, menos desinibido etc. Nenhum informante citou o falar masculino como mais correto ou melhor.

As justificativas dadas pelos informantes que apontaram o falar feminino como o melhor foram as seguintes: a mulher fala melhor porque é mais dedicada à leitura; a mulher dificilmente usa palavras grosseiras, não xinga, não fala besteira; a mulher não usa gíria; a mulher tem mais preocupação com o modo como se expressar, dependendo do lugar e do momento, ela procura falar mais corretamente; as mulheres ficam mais tempo na escola, frequentam por mais tempo os bancos escolares; as mulheres ficam mais próximas dos filhos que estão estudando e, ao acompanharem o estudo do filho, acabam tendo mais acesso ao conhecimento.

As respostas à última pergunta feita aos entrevistados, “Jovens e idosos falam igual? Quem fala melhor?”, mostram que a maioria dos informantes (sete dos dez) considera a fala das pessoas

mais idosas melhor. Talvez esse resultado se deva, em parte, ao fato de a maioria dos informantes terem idade acima de 37 anos, não sendo, portanto, tão jovens e, ao avaliarem mais positivamente a fala dos idosos, estariam avaliando, de algum modo, a sua própria fala. Salientaram, ainda, que as pessoas idosas, mesmo em grande parte sem toda a formação que os jovens têm hoje, expressam-se melhor, de forma mais adequada, são mais cuidadosas com a fala, não fazem uso de gírias, “pensam para falar”.

Os aspectos negativos levantados acerca da fala dos idosos estão normalmente associados à sua origem; vindos geralmente do meio rural, alguns idosos vão apresentar um linguajar com expressões “caipiras”, “do sítio”, como destacou um informante, e essa forma de falar é altamente estigmatizada, vista de maneira preconceituosa e negativa.

Os informantes esclarecem que os jovens, apesar de terem mais acesso ao estudo, à cultura do que as pessoas mais velhas tiveram, não sabem usufruir dessa oportunidade, não praticam essa experiência, não transportam para o dia a dia esse conhecimento. Afirmam os informantes que os jovens usam muitas gírias, o que pode comprometê-los nas situações de comunicação, nas relações de trabalho. Também chamaram a atenção para o fato de essa situação dos jovens estar relacionada à influência musical e ao seu envolvimento com a linguagem da internet, dos e-mails, dos *chats* etc. Outro aspecto destacado sobre os jovens é que eles estão muito apressados e essa pressa reflete-se no modo de falarem, de expressarem-se e, segundo o informante 9, “isso vai deteriorando o idioma, a língua, a conversa”. O informante 10 observa que “a comunicação entre os jovens é quase uma outra língua”.

Há, entretanto, observações positivas quanto à fala dos jovens, ressaltando que eles são mais espontâneos no momento de falar, têm uma forma mais livre de expressão, são mais descontraídos, o que pode trazer benefícios em algumas situações comunicativas. Também foi destacado que os jovens estão mais sintonizados com as novas tecnologias, apresentam mais facilidade para lidar com “essa parafernália tecnológica”.

Considerações finais

A análise dos dados nos permitiu chegar a algumas considerações que resumiremos a seguir.

Excetuando-se o informante 9, gaúcho, que utilizou mais a variante retroflexa do que a vibrante alveolar múltipla, os demais não surpreenderam em relação à variante produzida mais frequentemente, ou seja, realizaram a variante típica de seu dialeto.

Dependendo da situação de formalidade da entrevista (mais informal e menos estruturada, mais formal e mais controlada), os informantes mudam a variante utilizada. Na leitura, por exemplo, nenhum informante realizou o apagamento, mesmo aqueles que o utilizaram intensamente em outras situações da entrevista, como os informantes 2 e 8; no questionário, as ocorrências de apagamento também foram mínimas.

Dentre os quatro informantes não nativos, excetuando-se o informante 9, os outros mantiveram sua identidade e lealdade linguística, não se “contaminando”, “corrompendo” com o dialeto maringaense, apesar de já morarem em Maringá há mais de dez anos, revelando, por meio de suas atitudes linguísticas, o sentimento de orgulho de pertencer a um determinado grupo social.

Embora a variante retroflexa ocorra com muito mais frequência que as demais variantes na fala dos informantes maringaenses, quatro, dentre os seis, afirmaram não gostar do som dessa variante, preferindo outras formas. Assim, percebe-se o preconceito linguístico com relação a essa variante, estigmatizada até mesmo pelo falante nativo, que a considera “muito caipira” (informante 6). Observamos, portanto, nessa situação, um caso de deslealdade linguística.

Pudemos observar, também, que alguns informantes associam o modo de falar do indivíduo com sua cultura, caráter, personalidade etc., fazendo inferências a respeito de um falante com base em sua linguagem. Isso pode levar algumas pessoas a mudarem seu modo de falar deliberadamente, a fim de sugerirem origens sociais ou regionais que, na verdade, não possuem.

Referências

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil** – questionários. Londrina: Eduel, 2001.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. São Paulo: Ática, 1991.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

OLIVEIRA, Maria Thereza Indiani de; LOPES, Célia Regina dos Santos (Orgs.). **Sexo** – uma variável produtiva. v. 4. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 1995.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoria y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.